

## PÃO E VINHO: REPRESENTAÇÃO E SIMBOLISMO ENTRE OS PROTESTANTES HISTÓRICOS, PENTECOSTAIS E NEOPENTECOSTAIS EM PAULO AFONSO – BA<sup>1</sup>

**Marcos Manoel do Nascimento Silva**

Graduando em História, UFAL – Campus do Sertão  
marcosmanoel.estudante17@gmail.com

**Sheyla Farias Silva**

Mestra em História; professora de História da UFAL  
sheylafarias@live.com

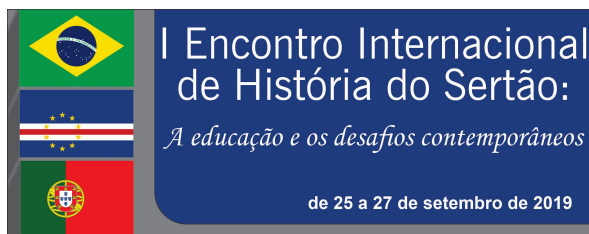
### RESUMO

A pesquisa em questão, valendo-se dos aportes teóricos e metodológicos da nova história cultural, em especial por meio dos conceitos de simbolismo de Bourdieu (2012) e representação de Chartier (2002), considerando o expressivo simbolismo presente na religião cristã protestante, e o número de adeptos ao protestantismo no município de Paulo Afonso – BA, buscou analisar como os líderes e fiéis das Igrejas Protestantes Históricas, Pentecostais e Neopentecostais desse município, representam e percebem a simbologia dos elementos que compõem a celebração da Santa Ceia do Senhor. Dos procedimentos metodológicos, partir da revisão bibliográfica (SEVERINO, 2016), da Pesquisa participante (BRANDÃO, 1990) e da história oral temática (HOLANDA/MEIHY, 2011). Portanto, para análise, foram selecionadas três igrejas, uma para cada segmento, e seis pessoas para compor o grupo de entrevistados, consistindo em um pastor e um membro para cada uma delas, respectivamente a Primeira Igreja Presbiteriana de Paulo Afonso (PIPPA), Assembleia de Deus - Missão Belém (AD – Missão Belém) e Igreja Internacional da Graça de Deus (IIGD).

**PALAVRAS-CHAVES:** Santa Ceia, Protestantismo, Representação, Simbolismo.

### Introdução

O cristianismo, seja ele católico ou protestante, é rico em simbolismo. Entre as múltiplas práticas simbólicas, duas são comuns no interior das religiões cristãs, o Batismo – aqui não será explorado – e a Santa Ceia do Senhor ou Eucaristia. Apesar de constituir o



mesmo evento, o primeiro termo é utilizado pelos protestantes, enquanto o segundo pelos católicos. Todavia, mediante os recordes previamente estabelecidos, me deterei a analisar somente a Santa Ceia do Senhor. Digo isso porque também, mesmo se tratando de um mesmo evento, há divergências entre ambos os segmentos quanto ao rito e tudo aquilo que ele representa.

As discussões teológicas que se dedicam a pensar essa prática de culto apontam na sua gênese o Judaísmo. Assim como, esclarecem as inúmeras transformações pelas quais essa prática cultural religiosa sofreu ao longo do tempo, tanto no que diz respeito aos elementos de composição da celebração, como nas interpretações correspondente ao seu significado.

Para os teólogos a páscoa judaica é considerada um prenúncio do que viria a ser a Santa Ceia do Senhor. Em suas discussões, Jesus Cristo teria não somente se apropriado do rito pascoal durante a chamada Última Ceia, como também, estabelecido, sem distanciar da essência dessa festa judaica, a sua prática entre aqueles que posteriormente viriam a ser denominados cristãos, mas agora devendo ser realizado em seu próprio nome como ferramenta para ativar a memória dos cristãos acerca do sacrifício de Cristo na cruz.

Mas esse evento é mais carregado de dúvidas do que de certezas. As palavras pronunciadas por Jesus, foram – e como veremos, continuam a ser – fontes de interpretações diversas. Porquanto, mesmo sendo o cristianismo, um segmento religioso reconhecido por proferir discursos sublinhados como verdade absoluta, nesse aspecto não se foi possível o estabelecimento de uma única definição.

A Reforma Protestante do século XVI pode ser considerada o marco principal de suscitação desses debates. Inúmeros foram os teólogos que se debruçaram sobre as Escrituras para poder compreender e dar uma definição de como a Santa Ceia do Senhor deveria ser celebrada, entre eles, se destacam aqueles que foram os precursores dessa Reforma, Martinho Lutero, Ulrico Zuínglio e João Calvino. Todavia, com interpretações diferentes, nunca foi possível estabelecer um entendimento puramente comum a ambos. Por isso, reservo uma seção somente para discutir esse movimento.

Mas não se pode negar que esse movimento desencadeado há 502 anos, provocou várias mudanças no Europa e por todo o mundo ao longo do tempo, as quais, respingam em nossa contemporaneidade. Como enfatiza (MARHALL, 2017) “A pedra atirada ao lago pode



ter caído na Alemanha de Lutero, mas as ondulações foram sentidas muito mais longe.” Por isso que hoje é responsável por acender infindáveis indagações que culminam na produção acadêmica.

Afunilando em direção aos recortes dessa pesquisa, sabemos que em síntese, o protestantismo se encontra fragmentado em três segmentos: o histórico, que corresponde a toda denominação oriunda diretamente da Reforma do século XVI, o segmento pentecostal, ligado ao surgimento do pentecostalismo, que chega ao Brasil a partir de 1910 com as igrejas Congregação Cristã no Brasil e Assembleia de Deus, e o neopentecostalismo, que se configura como um novo pentecostalismo iniciado em 1970 (MENDONÇA, 2005; MATOS, 2011). Como resultado do surgimento desse novo cristianismo e da sua expansão pelo mundo, a presença desses segmentos se faz presentes no município de Paulo Afonso, localizado no norte da Bahia.

Partindo dessa realidade, e debruçado sobre os paradigmas que despontaram através da nova história cultural (BURKE, 2008) e na definição de História apresentada por Bloch (2001), como uma “ciência dos homens no tempo”, recheada de novas possibilidades temáticas e de fontes, uma ciência em construção como seus gozos estéticos próprios, no entanto problematizadora e mais empenhada em compreender os fatos do que julgar, tomei como objeto de pesquisa, os elementos que compõem a celebração cristã protestante da Santa Ceia do Senhor, entre os protestantes históricos, pentecostais e neopentecostais no município de Paulo Afonso, com o objetivo de analisar como cada um desses segmentos percebem a representação e simbolismo presente no pão e no vinho utilizados para a realização desse culto.

Para isso, me apropriei dos conceitos de representação de Chartier (2002), que acoplado as práticas culturais, corresponde ao modo como os sujeitos percebem o mundo social. Além desse, também fiz uso do conceito de simbolismo de Bourdieu (2012), descrito como fabricante do poder simbólico, o qual, por meio de elementos simbólicos e da importância dada a eles pelos sujeitos envolvidos, condiciona as suas vidas em sociedade.

A princípio, enquanto estudante de História, assim portador de um aporte teórico-metodológico próprio desse campo do saber, ao mesmo tempo que participante do meio social



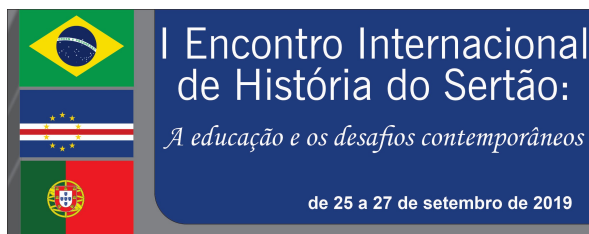
religioso analisado, parto da premissa de que a ciência deve fazer sentido – também – pessoal ao pesquisador.

Portanto, justifico em primeiro lugar, o meu interesse pelo desenvolvimento dessa pesquisa historiográfica perpassando pelo âmbito pessoal. Mas, não esquecendo da sua relevância social, contribuindo para o aumento qualitativo de produções acadêmicas no âmbito da interdisciplinaridade.

Metodologicamente, para além da revisão bibliográfica, que corresponde a pesquisas realizadas: “[...] a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses, etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados” (SEVERINO, 2016, p. 131)., a partir do meu lugar social – religioso – , enquanto sujeito cristão protestante, um dos fatores responsáveis pela inquietação de buscar entender como a prática da Santa Ceia do Senhor é compreendido dentro dos três segmentos protestantes, foi recorrido a pesquisa participante, que diz respeito ao pesquisador está inserido diretamente no meio pesquisado, ser pertencente a esse meio social, ser conhecedor dessa realidade, escrevendo a História por meio da sua própria vivencial social (BRANDÃO, 2006).

Apoiado sobre os pilares da Nova História, responsável por proporcionar aos historiadores novas possibilidades temáticas e metodológicas para a produção historiográfica, com a ampliação do “[...] campo de documento histórico [...] por uma história baseada numa multiplicidade de documentos: escritos de todos os tipos, documentos figurados, produtos de escavações arqueológicas, documentos orais, etc. (LE GOFF, 1990, p. 28)., outra metodologia empregada foi a história oral, que “[...] implica formular as entrevistas como um epicentro da pesquisa” (HOLANDA/MEIHY, 2011, p. 72).

Como manual adotei a obra de José Carlos Sebe B. Meihy e Fabíola Holanda, “História Oral: Como fazer, como pensar”. Para esses autores história oral corresponde a uma forma de pensar o objeto de pesquisa no tempo presente, em que o pesquisador, ao delimitar o tipo de pesquisa, deve eleger um público correspondente a temática para entrevista-los, o qual, os chamam de colaboradores (HOLANDA/MEIHY, 2011). Esse tempo presente aqui corresponde ao ano de 2019, período da construção da fonte oral e da execução



da pesquisa. Porquanto, do recorte temporal, as interpretações aqui postulados diz respeito a datação da fonte.

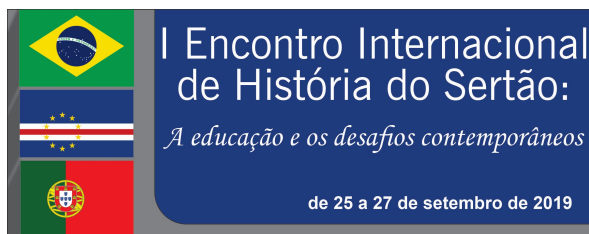
Correspondendo aos critérios procedimentais apresentados por Holanda e Meihy (2011), foi realizado o planejamento e escolha do aparelho de captação da oralidade, a definição prévia dos locais de entrevistas em negociação com os respectivos colaboradores, a transcrição na íntegra da entrevista, a textualização e a versão final, passando pela aprovação de cada um dos colaboradores para seu uso e arquivamento. Esses procedimentos culminaram com a construção do produto da história oral, que é o documento escrito, ganhando “[...] objetividade de qualquer outro grafado ou de análise historiográfica, porém deve ser interpretado sobre o crivo da subjetividade que a produziu (HOLANDA/MEIHY, 2011, p. 26).

Se encaixando na categoria da história oral temática, e sendo de caráter social, em conformidade Holanda e Meihy (2011), se faz necessário a realização de mais de uma entrevista para confrontá-las entre si para que se possa problematizar as narrativas. Além disso, deve-se considerar-se a identidade cultural – comum – dos entrevistados, pois:

[...] as experiências de cada um são autênticas e se relacionam às demais por meio da construção de uma identidade comum. Em história oral, o “grupal”, “social” ou “coletivo” não corresponde à soma dos particulares. O que garante a unidade e coerência às entrevistas enfeixadas em um mesmo conjunto é a repetição de certos fatores que, por fim, caracteriza a memória coletiva. A observância em relação à pessoa em sua unidade, contudo, é condição básica para se formular o respeito à experiência individual que justifica o trabalho com a entrevista, mas ela vale no conjunto. Nesse sentido, a história oral é sempre social. Social, sobretudo porque o indivíduo só se explica na vida comunitária (HOLANDA/MEIHY, 2011, p. 28).

Essa identidade comum refere-se ao fato de serem cristãos protestantes, podendo ainda, devido a fragmentação dentro do protestantismo, ser reduzida a cada segmento seletivo para análise. Mas, existe entre esses grupos uma unidade comum, – condição de garantia da legitimidade das entrevistas –, a realização entre seus rituais religiosos do culto de Santa Ceia do Senhor.

Portanto, com o intuito de analisar tanto a visão do pastor, como da membresia, para a realização dessa pesquisa, foram selecionadas uma igreja protestante correspondente a cada



segmento, e, para cada igreja, entrevistados dois sujeitos, sendo o pastor da igreja e um membro, a saber, respectivamente, da Primeira Igreja Presbiteriana de Paulo Afonso (PIPPA) o pastor Juan Carlos de Oliveira Pantaleão e Jeisiane de Jesus Souza; da Igreja Evangélica Assembleia de Deus – Missão Belém (IEAD-Missão Belém), o pastor José Carlos Duarte Arruda e Vitória Hellen de Lima Silva; e da Igreja Internacional da Graça de Deus, o pastor Antônio Fernando da Silva Júnior e Simone Aparecida da Silva. No decorrer desse artigo, todos serão referenciados por seus sobrenomes e data da entrevista, com exceção de Vitória Hellen e Simone Aparecida, que em virtude do mesmo sobrenome, terão com acréscimo a inicial de seus prenomes.

### **A representação e o simbolismo da Santa Ceia do Senhor entre os protestantes históricos, pentecostais e neopentecostais em Paulo Afonso – BA**

Nessa seção estaremos submergindo sobre as análises propriamente ditas. E para início, é mais que fundamental que tenhamos, pelo menos, uma visão panorâmica do recorte espacial em que acontece o desenrolar da pesquisa, para depois, adentrarmos a ela.

O município de Paulo Afonso é fruto da construção de usinas hidrelétricas pela Companhia Hidrelétrica do São Francisco (Chesf) na década de 1950, para aproveitamento das cachoeiras de Paulo Afonso. Segundo Lima (2017), a formação e desenvolvimento da cidade não foi planejada, e sim, fruto da aglomeração de trabalhadores que chagavam para o trabalho operário. Nessa perspectiva, elenca a divisão da cidade pelo chamado por ele “Muro da Vergonha”, – anteriormente cerca de arame farpado – que separava o acampamento da Chesf dos trabalhadores, a chamada Vila Poty. É justamente nesse espaço que desenvolve o protestantismo, religião não oficial. Segundo Ferreira (2019), impulsionado, sobretudo, pelo ambiente marginalizado em que esses trabalhadores se encontravam.

Assim, as primeiras denominações a se instalarem em Paulo Afonso foram as igrejas Assembleia de Deus, em 1945; a 1ª Igreja Batista de Paulo Afonso e a Congregação Presbiteriana, em 1949; e a Igreja de Cristo Pentecostal no Brasil, em 1950.

Partindo para as análises, se fez necessário entender como essas igrejas fundamentam bíblicamente/teologicamente a prática de culto de Santa Ceia do Senhor. Seguindo a ordem



cronológica dos segmentos protestantes, sempre será iniciado pelo protestantismo histórico, seguido do pentecostal, e por fim, o neopentecostal.

No tocante a PIPPA, ambos os entrevistados afirmaram ter como pilar de sustentação a páscoa judaica. Com uma explicação detalhada, apontando para uma descontinuidade e continuidade do rito pascoal, agora de maneira ressignificada, Pantaleão (2019) declara em sua fala:

[...] nós encontramos certos ritos no Antigo Testamento, vinculados a antiga aliança, que na Nova Aliança, eles... descontinuam, e continuam ao mesmo tempo. Isto é... a, a Páscoa [...] comemorada por Israel, como Deus estabeleceu em Êxodo 12, [...] era [...] um evento histórico, [...] o rito, o evento sagrado, ordenado por Deus, que marcaria a saída do povo do Egito [...]! E que... tem toda uma estrutura [...] do animal que é morto, que é o cordeiro [...] uma estrutura de tipificação de Cristo, de sua obra pelo cordeiro que foi sacrificado. O sangue foi passado nas vergas das portas dos israelitas, porque Deus havia ordenado isso, uma vez que... naquela mesma noite, ele traria a décima praga no Egito que mataria os primogênitos do Egito. Então a casa que não tivesse o sangue, pereceria todo primogênito. Na casa dos israelitas, o sangue daquele cordeiro, a... impediria que a morte entrasse. Então, esse é o rito da páscoa, a páscoa que em hebraico é “persar”, que é de um verbo que significa passar por cima ou poupar. Então significava que a páscoa era um rito judaico que apontava pra o modo como Deus poupou seu povo [...] naquele ato de morte. [...] Paulo, apóstolo Paulo, primeira a Coríntios 5; 7, ele vai dizer que Cristo é nosso Cordeiro Pascal. [...] É que a Ceia, um rito que Jesus Cristo estabelece na igreja, que continua o significado da páscoa, mas que agora assume [...] uma apropriação externa diferenciada, uma vez que na páscoa era um sacrifício de sangue. [...] Mas [...] a Ceia, ela elimina isso, pão e vinho assume o lugar. Então [...] A Ceia é Páscoa de Cristo. [...] O significado da páscoa é o mesmo da Ceia! Assim como os israelitas foram poupados, isto é, libertados, (usando uma linguagem bem teológica do Antigo Testamento), redimidos pelo ritual da páscoa, porque a punição que caiu sobre o Egito, Deus desviou deles. [...] Na Nova Aliança nós somos poupados da ira de Deus por meio do sacrifício de Cristo. Ai o apóstolo Paulo, em Romanos 4, acho que 25, ele diz que...ele foi dado, entregue pelos nossos pecados e ressuscitou pela nossa justificação. (PANTALEÃO, 2019)

De maneira mais sucinta, essa definição é encontrada também na fala de Souza (2019), quando diz: “a Santa Ceia substituiu a Páscoa Judaica, no Antigo Testamento. [...] antes de Cristo ser sacrificado ele... partiu pão e dividiu com seu discípulo e disse que ali seria o sangue da Nova Aliança. Então instituiu a Nova Aliança, que é a aliança do sangue de Cristo.”





No caso da IEAD – Missão Belém, somente Arruda (2019) respondeu ao questionamento, declarando:

Não fazemos comparação! Porque a Páscoa [...] foi criada, formada... por Deus. Em Êxodo, capítulo onze, aliás, capítulo doze, quando foi instituída a Páscoa... no entanto, para nós, cristãos, que cremos... na palavra de Deus, cremos que, a nossa Páscoa é Cristo. E a Bíblia diz que Cristo é a nossa Páscoa (ARRUDA, 2019).

Semelhantemente, no tocante a IIGD, é notório uma contradição entre o entendimento de Silva Júnior (2019) e de Silva, S. (2019), enquanto o primeiro afirma:

Eu creio que não. Eu creio que não! É... embora que, em tempos é... com os judeus, fazia a páscoa, é... e era entregue na verdade o... o pão. Era chamado o... o pão ázimo. No, com os protes... com os protestantes, eu acredito que segue praticamente o padrão daquilo que Jesus ensinou. É... naquele tempo as pessoas que viviam [...] debaixo da lei, e... hoje a gente vivemos [sic]na graça. Então, é... eu acho que é diferente. Não há, não há uma igualdade não (SILVA JÚNIOR, 2019).

Contraditoriamente, Silva S. (2019) declara:

Toda! Toda! Porque... a páscoa, ela foi instituída é... quando o povo tava saindo do Egito. Então Deus falou com Moisés que ele apresentasse o cordeiro e... e Jesus, ele veio substituir essa aliança. Então ele mesmo é o cordeiro. E ele falou, né? Quê... estaria dando o ali o corpo dele, o sangue dele em favor da igreja. Então, [...] é como uma substituição. A festa judaica que seria realizada, agora a gente realiza a Ceia do Senhor (SILVA, S., 2019).

Compreendido como essas denominações fazem a leitura da prática de celebração de culto de Santa Ceia do Senhor, partamos agora para os elementos utilizados por essas igrejas para compor a celebração, e o seu significado em cada uma delas.

No entendimento de Bourdieu (2012), tais elementos devem ser apreendidos como símbolos que se constituem enquanto “instrumentos por excelência da integração social”. Pois eles possuem a capacidade de integrar os diferentes grupos. Nesse caso específico, essa integração é percebida quando se compartilha de um entendimento comum, ou seja, a celebração de culto de Santa Ceia do Senhor, enquanto prática cultural comum a esses segmentos postulados como cristãos protestantes, mesmo levando em consideração suas divergências teológicas – que não se restringi ao entendimento sobre tais elementos, mas





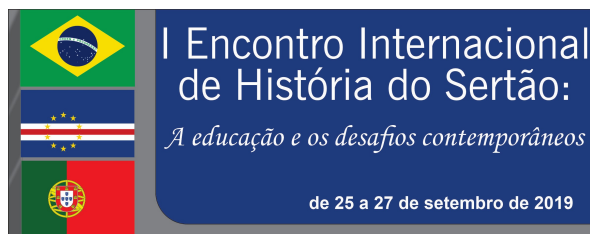
estendendo ao que é ser cristão no interior de cada um desses segmentos. Corroborando com essa afirmação, Belmaia, Nascimento e Selvatici (2015), aponta para o fato de que essas festividades religiosas se configuram como auxiliares na “construção e manutenção” de uma identidade comum entre pessoas diferentes que se congregam em função de um mesmo credo.

Na PIPPA os elementos simbólicos são pão e o vinho e no discurso de Pantaleão (2019), são fundamentais e indispensáveis para a celebração, e por isso, de modo algum podem ser substituídos. Como argumento, ele afirma:

O pão [...] que Jesus Cristo usou naquela Ceia, nós sabemos ter sido um pão ázimo, em virtude de que essa prescrição no Antigo Testamento, pão sem fermento, não há qualquer orientação doutrinária, nem pelo próprio Senhor, nem por nenhum dos Apóstolos, que o pão necessariamente tem que ser sem fermento. Então de maneira [...] que... [...] pode ser o pão comum, que é usado, seja ele de qualquer... é... seja salgado, seja um pão de leite, mas que seja pão, necessariamente pão. E... nós entendemos que o elemento líquido, devido e apropriado seja o vinho. Embora existam, é... posições, é... diferentes, seja o vinho mais puro possível, o vinho de qualidade boa e o mais puro que se puder, é... utilizar na Ceia. Esses elementos são fundamentais. Eles não podem ser substituídos, por exemplo, por biscoito, é... por um pedaço de carne assada, ou por suco de groselha, visto que o que nós devemos manter, embora a gente não tenha, por exemplo, é... nenhuma orientação quanto à quantidade de pão, nós chamamos isso na Teologia de adiaforia, são questões adiafóricas (PANTALEÃO, 2019)

E, esses elementos, simbolicamente representam para os cristãos, o corpo e o sangue de Jesus Cristo.

Então o pão [...] representa, e é importante dizer que representa, porque a gente se distancia da ideia católica de transubstanciação, ele representa o corpo e o vinho representa o sangue. [...] o elemento externo que é o pão, como é o vinho, ele é um símbolo que tem um significado. [...] De tal modo é essa relação do símbolo com coisa significada, o símbolo com a essência que ele significa, que o símbolo por vezes é chamado da coisa significada. Daí, a... quando o Ministro, ele... ele consagra os elementos, ele diz, sem nenhum erro, sem nenhum equívoco: “Esse é o corpo de Cristo”! Não entendendo que o pão se transformou em corpo de alguma maneira, mas entendendo que o pão simboliza o [...] corpo, e que há uma relação tão estreita entre símbolo e coisa significada, que o símbolo pode ser legalmente chamado da coisa significada. [...] Agora [...] este pão [...] é símbolo legal do corpo, e o cálice é símbolo legal do sangue, e ao comê-lo há toda uma reverência [...] um sentido de fé aplicados a esses elementos (PANTALEÃO, 2019).



O mesmo entendimento é compartilhado por Souza (2019), quando ela diz:

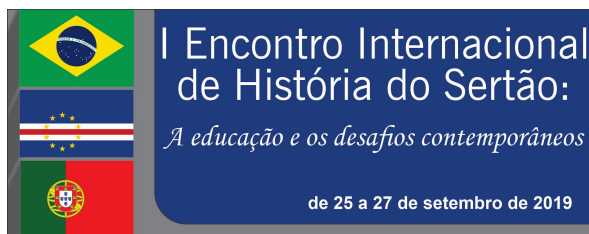
O pão... bíblicamente significa a carne de Cristo, e o vinho, o sangue de Cristo, é... lá em Mateus 26:26, é onde ele partilha com seus discípulos. E... parte o pão diz... que comam que esse é a carne e toma o vinho que esse seria o seu sangue, o sangue da Nova Aliança (SOUZA, 2019).

No que se refere a IEAD – Missão Belém, há uma diferenciação a respeito do elemento líquido, em comparação a denominação anterior. Quando questionada, Silva V., (2019) afirma ser pão e vinho, todavia, na fala de Arruda (2019), o vinho é substituído pelo suco de uva, e acrescenta: “[...] o suco da uva se [...] caracteriza o vinho [...].” Logo, entende-se que nessa igreja o suco é considerado como vinho, e assim chamados pelos seus membros, por isso falas distintas quanto aos elementos.

Na IIGD, também há essa contradição na fala do pastor e da fiel. Apesar disso, durante os discursos de ambos não há o estabelecimento de uma relação em suas falas como entre os entrevistados da IEAD – Missão Belém que nos indique haver o consenso de que o suco seja percebido como vinho. Silva Júnior (2019) afirma usar durante as celebrações o pão e o vinho, e argumenta: “É porque na verdade o Senhor Jesus, ele [...] usou o pão e usou o vinho, por isso nós usamos esses elementos. E... só usamos mesmo o vinho e... é... e o pão” (SILVA JÚNIOR, 2019). Enquanto Silva, S., (2019) assegura o uso do “pão e o suco de uva”. Contudo, quando partimos para o significado desses elementos, vemos que ambos também apresentam os elementos como símbolos representantes do corpo e do sangue de Jesus Cristo.

Com maior aprofundamento, Silva Júnior (2019) sublinha em sua fala:

Bom, o pão representa o corpo do Senhor Jesus, que... foi sacrificado por todos nós. A bíblia diz que ele sofreu [...] sofreu pela humanidade, carregou [...] sobre si os nossos pecados, o corpo dele foi ferido, ele sofreu dor... então o pão, para nós representa o corpo. O sangue representa [...] uma aliança que temos com ele. Além de aliança representa também [...] uma limpeza, para aqueles que crê, né! Quando o sangue de Jesus foi derramado, a bíblia diz que... também os nossos pecados foram lavados. Quer dizer, os que acreditam nisso, né! A bíblia diz que o sangue de Jesus nos purifica de todo pecado, e então, quando o sangue [...] de Jesus foi derramado acreditamos que foi feito uma aliança com o seu povo, com aqueles que acreditam (SILVA JÚNIOR, 2019).



Porquanto, no interior de ambos os discursos acima citados, considerando que “[...] a extensão máxima fornecida ao conceito de símbolo para a qual remetem todas as formas ou todos signos graças aos quais a consciência se constitui <<realidade>>” (CHARTIER, 2002), ou seja, os símbolos são elementos, que atrelados diretamente ao campo das mentalidades dos sujeitos, no processo de constituição de consciência, os conduzem para uma percepção de mundo. Nesse caso, observa-se que no interior das três igrejas analisadas,

“[...] a representação como dando a ver uma coisa ausente, o que supõe uma distinção radical entre aquilo que representa e aquilo que é representado [...] [e] a representação é instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente através da sua substituição por uma <<imagem>> capaz de o reconstituir em memória e de o figurar tal como ele é [...]” (CHARTIER, 2002, p. 20).

Nesse sentido, os elementos simbólicos que representam correspondem ao pão e ao vinho, e o representado por tais símbolos, faz referência a Jesus Cristo.

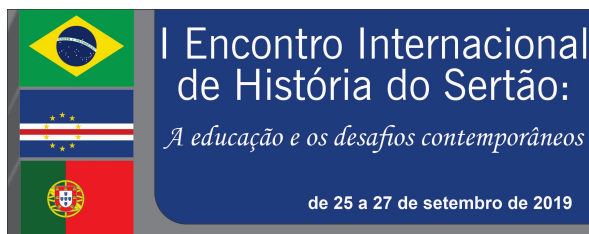
E essa “[...] relação compreensível [...] postulada entre o signo visível e o referente por ele significado [...]” (CHARTIER, 2002, p. 21), somente é possível pela construção de um discurso prévio, que nesse caso, são proferidos pelos líderes religiosos cristãos protestantes, e que, para se solidificar, deve, na interpretação de Chartier (2002) manter uma coerência entre o discurso proferido e a posição dos adeptos ao discurso.

No que se refere a importância da celebração desse culto, as posições são todas semelhantes, girando em torno da promulgação da fé e do fortalecimento espiritual dos cristãos, sinalizando para uma afirmação de identidade.

Vejamos o que disse Pantaleão (2019):

A importância da Ceia para o cristão dentro da estrutura clássica reformada, é que... ela, é... tanto de estímulo à fé, quanto... ela tanto estimula a fé, como ela fortalece a fé do cristão, quanto ela também é um ato de proclamação daquilo, daquele ato histórico que faz com que esse cristão possa pertencer ao povo de Deus. E, [...] a Ceia, dada sua significância, a sua importância, ela sela pro cristão, e ela sinaliza pro cristão a devida participação dele na vida de Cristo, e de Cristo na vida dele. Então, a Ceia é fundamental (PANTALEÃO, 2019).

Aqui gostaria de chamar a atenção para a declaração de que o cristão participante da celebração “passa a pertencer ao povo de Deus”. Logo, ver-se nessa fala uma afirmação



identitária. E, no campo das representações, ou seja, dentro daquilo que Chartier (2002) conceitua com a maneira dos sujeitos enxergarem o mundo social, – e isso só é possível através de símbolos, que são aqui tidos como simbólicos, pois na relação entre a coisa e o seu significado, é que se produz essa visão do mundo social – essa apreensão está pautada nos conceitos de classificação, divisão e delimitação. Assim sendo, essas “[...] representações como as matrizes de discursos e de práticas diferenciadas [...] têm por objectivo a construção do mundo social, e como tal a definição contraditória das identidades” (CHARTIER, 2002, p. 18).

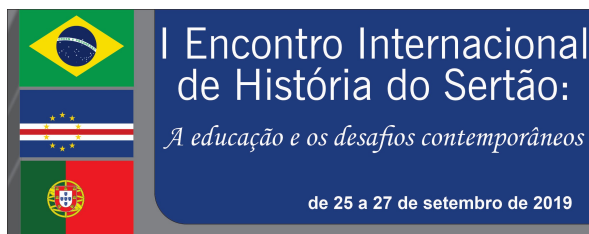
Nesse contexto, a prática de celebração de culto de Santa Ceia do Senhor na perspectiva adotada pela PIPPA, pode ser percebida dentro do que Roger Chartier coloca como práticas diferenciadas, que por sua vez, tem a função de classificar, dividir e delimitar os grupos sociais um do outro. Logo, essa celebração estabelece como uma prática de afirmação de identidade cristã, filha/o de Deus perante a sociedade.

No sentido mais pragmático, mas não desviando da afirmação identitária, – pois no decorrer desse artigo veremos que nem todos são participantes – a celebração da Ceia é posta também como “[...] um alimento espiritual [...] [de] comunhão com Cristo, de renovação, de reafirmar a nossa aliança com Cristo mesmo. De lembrarmos o tamanho do sacrifício de Cristo por nossa salvação” (SOUZA, 2019).

Ainda fazendo menção ao estabelecimento de uma relação entre fé e a sua demonstração pública como maneira de firmar a identidade cristã, para (ARRUDA, 2019), “[...] a Santa Ceia é uma demonstração de fé cristã que preserva a... a vida cristã de cada um, que assim pratica.” Já na visão de Silva, V. (2019):

[...] a importância consiste nisso, da gente sempre, tá sempre lembrando o...o real sentido do cristianismo que foi o amor de Jesus por nós, e que sem [...] o sangue, sem a carne dele, a gente não pode ter vida por si mesmo, porque o sangue é a vida. E o sangue de Cristo foi o que nos trouxe vida em abundância (SILVA, V., 2019).

Assim, em seu entendimento, a sua importância consiste no resgate do sacrifício de Cristo, como elemento norteador do cristianismo, em que a celebração de Santa Ceia do Senhor possui a capacidade de trazer à memória dos cristãos esse sacrifício. Ao mesmo tempo



que demonstra como condição prévia para que o sujeito tenha vida, a participação no corpo e no sangue de Jesus. Tal posição, mostra que esses discursos se configuram de forma a produzir distanciamentos e divisões, característica própria das práticas discursivas de afirmação, e apropriação de práticas culturais (CHARTIER, 2002).

Se tratando da IIGD, as posições referentes a importância dessa celebração se mantem dentro de um campo de coerência em detrimento as posições das igrejas PIPPA e da IEAD – Missão Belém.

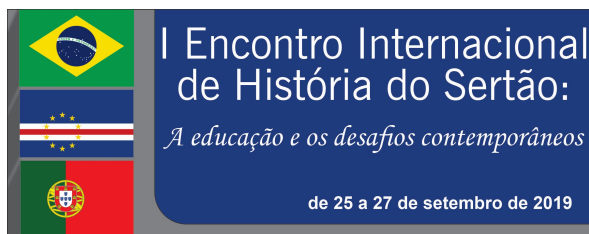
Bom, a importância é que... quando celebramos a...é, essa reunião, esse culto, é... nós estamos... posso dizer que... é... renovando a nossa comunhão. Como... com Deus, [...] a... a nossa aliança. A... nós temos por... costume, pelo menos na nossa igreja que quando... tomamos o corpo, comemos o corpo, bebemos do sangue do Senhor Jesus que representa pelo pão, é... pela é... e pelo vinho, nós estamos renovando nossa comunhão, a nossa aliança com ele (SILVA JÚNIOR, 2019).

Esse... culto, de ceia, geralmente, eu também ministro esse culto na comunidade, e eu... prezo por mostrar a obra de Cristo. Porque... muitas vezes com a vida, é... o trato da família, do trabalho, as preocupações... a gente acaba sendo Cristão automático. E... esse culto de ceia, a gente tem a oportunidade de... de se renovar mesmo, na presença de Deus. Né? E... a pessoa cair a fixa. Poxa, tô me afastando... tô... tô deixando de praticar alguma, tô um pouco frio... e aí vem aquecer o coração (SILVA, S., 2019).

Podemos ver, que dentro dessa perspectiva de renovação de aliança com Deus, a Santa Ceia do Senhor tem também por finalidade constranger o sujeito cristão que não esteja em conformidade os princípios bíblicos.

Então, encontramos em todas essas igrejas, no tocante a essa celebração, aquilo que Bourdieu (2012) define como poder simbólico. Em sua definição mais clara, “[...] o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível, o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, 2012, p. 8). E, essa notoriedade se dar na observância quanto a reverência dos sujeitos para com essa celebração em si, e/ou para com os elementos que a compõe e nas restrições estabelecidas para participação.

No caso da PIPPA, essas restrições se dão em virtude do que Pantaleão (2019) chama de “seriedade dessa mesa”, fazendoalusão a essa celebração e o que ela significa para os



cristãos protestantes, de modo que, “[...] aquele que se declara crente em Jesus, ele não pode simplesmente afastar-se da mesa da Ceia [...] mas ele também não pode se apropriar dela de maneira indevida [...].”

Ponderando essa afirmação, ver-se que é feita uma divisão entre membros comungantes e não comungantes, sendo os primeiros os que “[...] foram batizados, e no ato do batismo eles fizeram a pública profissão de fé. [...] [E por isso] eles têm acesso a Ceia” (PANTALEÃO, 2019). E o segundo grupo referente as crianças, “batizados na infância, [mas que] não tiveram capacidade de fazer a pública profissão de fé deles. [...] então eles não participam da Ceia até que [...] atingirem uma certa idade que, eles desejarem fazer a profissão de fé, eles se tornam comungantes e participam” (PANTALEÃO, 2019).

Porém, ser batizado não é o suficiente, porque se faz necessário “[...] uma autoavaliação [...] uma vida em Cristo. ... nos avaliando sempre. Porque... não podemos estar em Cristo, e... e viver coisas do mundo e mesmo assim participarmos da Santa Ceia como se nada estivesse acontecendo” (SOUZA, 2019). Esse entendimento, é fruto do discurso previamente elaborado e pregado na igreja.

[...] no momento da Ceia e costume dizer assim: Agora você deve trazer à sua consciência, é... com muita seriedade, e, e... intensidade, que este pão, este vinho... o que eles representam. E se você tem conscientemente essa, essa percepção do que eles representam... isso é algo consciente pra você, você vai ter todo o tipo de, de zelo. E você vai ter todo um tipo de... de reverência no seu coração para fazer isso. Isso é discernir, isso é dizer assim: esse pão e esse vinho não é qualquer coisa! Se não é qualquer coisa eu preciso ter uma atitude elevada em relação a eles (PANTALEÃO, 2019).

Nessa relação entre o discurso pregado na igreja e a sua interiorização por quem ouve, se evidencia que as “representações do mundo social [...] são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam” (CHARTIER, 2002, p. 17).

Voltando, por assim dizer, para o exame de consciência em que os cristãos protestantes são conduzidos, esses mesmos posicionamentos são extraídos entre os entrevistados da IEAD – Missão Belém e da IIGD.

Na posição de Arruda (2019), ser participante dessa celebração

É uma questão muito particular, muito individual, e, conscientização de cada um. [...] Porque é uma questão puramente de consciência Cristã. Eu tenho



consciência de que estou tomando a Santa Ceia em paz com Deus. [...] E aí, quando ele passa a ter essa conscientização, e... comprometido com a verdade, com a palavra de Deus, submetido às determinações bíblicas, ele como o pão, bebe o vinho... se alegra e glorifica a Deus. Porque está consciente de que está participando (ARRUDA, 2019).

E é esse discurso que conduz, nos dias de culto de Santa Ceia do Senhor a procurar “[...] tomar [...] consciência se eu realmente estou... [...] em comunhão com Cristo. Se eu estou mantendo o meu relacionamento com ele, ali dia após dia” (SILVA, V., 2019).

Assim como, Silva Júnior (2019) toma postura:

Então se... a pessoa não está de acordo com a palavra de Deus, ela não, não vou dizer que ela não tem direito, também não pode. Como eu disse: vai da consciência da pessoa! É... a pessoa, ela tem que ter a convicção da fé dela. Ele deve saber na verdade quem realmente é Deus. Deus é Santo? É! Então se Deus é Santo, o corpo dele é santo, o sangue dele é Santo. Não estando, eu não estando de acordo com os princípios de sua Palavra, que... ensina como devo andar, que ensina como devo me comportar, então não posso é... como é que diz... comer do corpo nem beber do seu sangue (SILVA JÚNIOR, 2019).

De forma semelhante, Silva, S., (2019) estabelece uma relação entre a prática de culto de Santa Ceia do Senhor e a vida cristã, no qual, está antecede aquela, assegurando:

Bom, eu tenho um padrão de vida para ser cristã. Ne... é... com... dentro ou fora da ceia, a gente tem que ter uma moral cristã, um padrão de vida baseado na Palavra [...] né! Com retidão, porque... não vai adiantar, você... se preparar só... pra esse lugar, olhar só esse lado. Não! Pra gente ter salvação é necessário um caráter cristão, realmente baseado na Palavra. Então é isso que nos torna capazes para participar da ceia (SILVA, S., 2019).

Todas essas posturas, estão em concordância com a perspectiva abraçada por Pierre Bourdieu sobre elementos simbólicos e suas funções.

Os símbolos são instrumentos por excelência da integração social: enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação, eles tornam possível o consensus acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social: a integração lógica é a condição da integração moral (BOURDIER, 2012, p. 9).

Portanto, os sujeitos analisados, ou seja, os cristãos protestantes, estão interligados por essa prática cultural religiosa cristã, sustentada pelos elementos simbólicos, estabelecendo





relações entre os segmentos protestantes, e, enquanto elementos que compõem o cristianismo, corrobora para o cumprimento da função normatizadora do cristianismo, contribuindo para a manutenção da ordem social, graças ao poder simbólico exercido, não somente através dos elementos e si, mas também, por todos os aspectos que envolve a celebração.

### **Considerações finais**

As influências do cristianismo protestante sobre o mundo ao longo desses 502 anos são inegáveis. Os Reformadores desencadearam um debate sem fim, principalmente quando se trata da Santa Ceia do Senhor, sacramento quem vem gerando controvérsias até os dias atuais.

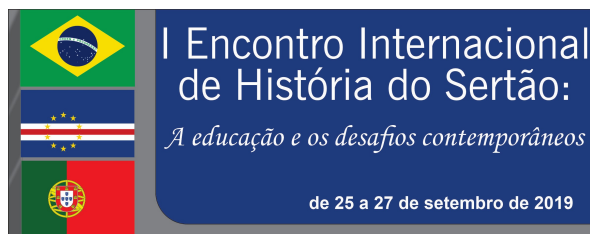
Esse fato é claramente evidenciado no desenrolar dessa pesquisa historiográfica. As denominações analisadas no município de Paulo Afonso – BA, possuem suas especificidades no momento de sua realização, na escolha dos elementos para uso e no seu tratar, mesmo sendo a Ceia uma celebração comum ao cristianismo.

É manifesto que cada dominação se apoia em pilares distintos para celebrá-la. Não obstante, estão interligadas pela crença comum na representação do corpo e do sangue de Jesus Cristo. E essa representação, gestada pelos elementos simbólicos pão e vinho, faz tornar possível uma ligação entre ambas as denominações.

Essa prática cultural religiosa é responsável pela construção da lente em que tais sujeitos enxergam o mundo social. É produtora de divisões, separações e classificações. E, na medida que exibem uma forma própria de estar em sociedade, é formadora de uma identidade social. Ser participante da Santa Ceia do Senhor se torna uma maneira de se firmar dentro do próprio protestantismo, e conseqüentemente, fabricante da ordem social.

As restrições para participação dessa celebração, que por sua vez, se reportam sempre um exame de consciência com relação aos atos realizados cotidianamente, dentro e fora da igreja, não somente atestam tal fato, com também demonstram a presença de poder simbólico entre as denominações analisadas.

Portando, os elementos que compõem a celebração dessa festividade cristã, são portadores de todo um simbolismo que foge da visão do campo teológico e dos cristãos protestantes celebrantes dela. Afirmo isso, enquanto cristão protestantes, e ao mesmo tempo



pesquisador do campo da ciência histórico, que, enquanto religioso, percebia o objeto de pesquisa puramente com as lentes dos discursos bíblicos e teológicos, mas que agora, enquanto pesquisador da História, pude alongar a minha visão para além dos discursos que me eram postos.

---

## NOTAS

<sup>1</sup> O presente artigo é uma versão suprimida do artigo apresentado ao curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão, na modalidade de Trabalho de Conclusão de Curso em 06 de novembro de 2019.

## Referências

BELMAIA, Nathany A. W. NASCIMENTO, Kettully F. da Silva. SELVATICI, Monica. Do judaísmo ao cristianismo: fundamento da Páscoa e relação estrutural na longa duração. **XXVIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA**, Florianópolis – SC, 27 a 31 de junho de 2015.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da História: ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. – 16. ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Pesquisa participante**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** – 2. ed. rev. e ampl. – Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Difel: difusão editorial S.A, 2002.

FERREIRA, Sidney César Oliveira e Silva. **O cristianismo protestante na cidade de Paulo Afonso – Ba, de 1948 a 1964**. Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia – Alagoas, 2019.

LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. – São Paulo: Martins Fontes, 1990.

LIMA, João de Souza. **Paulo Afonso e a Vila Poty: A história não contada**. – Paulo Afonso: Fonte Viva, 2017.



MATOS, Alderi Souza de. Breve história do Protestantismo no Brasil. **VOX FAIFAE: Revista de Teologia da Faculdade FAIFA**, v. 3, n. 1, 2011.

MEIHY, José Carlos Sebe B./HOLANDA, Fabíola. **História Oral: Como fazer, como pensar**. – 2. Ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2011.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas. **REVISTA USP**, São Paulo, n. 67, p. 48-67, setembro/novembro 2005.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. Protestantismo no Brasil: um caso de religião e cultura. **REVISTA USP**, São Paulo, n. 74, p. 160-173, junho/agosto 2007.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 24. ed. rev. E atual. São Paulo: Cortez, 2016.

## FONTES ORAIS

ARRUDA, José Carlos Duarte. Entrevistado por Marcos Manoel do Nascimento Silva em 08/03/2019. *In. Biblioteca da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão*. Delmiro Gouveia – Alagoas.

PANTALEÃO, Juan Carlos de Oliveira. Entrevistado por Marcos Manoel do Nascimento Silva em 15/02/2019. *In. Biblioteca da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão*. Delmiro Gouveia – Alagoas.

SILVA JÚNIOR, Antônio Fernando da. Entrevistado por Marcos Manoel do Nascimento Silva em 10/07/2019. *In. Biblioteca da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão*. Delmiro Gouveia – Alagoas.

SILVA, Simone Aparecida da. Entrevistado por Marcos Manoel do Nascimento Silva em 10/07/2019. *In. Biblioteca da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão*. Delmiro Gouveia – Alagoas.

SILVA, Vitória Hellen de Lima. Entrevistado por Marcos Manoel do Nascimento Silva em 24/04/2019. *In. Biblioteca da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão*. Delmiro Gouveia – Alagoas.

SOUZA, Jeisiane de Jesus. Entrevistado por Marcos Manoel do Nascimento Silva em 15/04/2019. *In. Biblioteca da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão*. Delmiro Gouveia – Alagoas.